

O estágio curricular e a formação do artista docente

José Simões de Almeida Junior
Faculdade de Educação (FaE) - UFMG
Professor Adjunto – Doutor em Teatro
Professor de Estágio e Análise da Prática Teatral

Resumo: Os processos e as práticas relacionadas à formação teatral na escola ou fora dela, encontram-se ligados à constituição do *território* e *imaginário* do Teatro na sociedade. Nesse sentido deseja-se discutir a função social e artística do estágio curricular de teatro realizado na escola, como o espaço para a inserção das propostas teatrais, para além da sala de aula. O estágio curricular é o espaço no qual os alunos (em formação) revelam as suas potencialidades e, também, as falhas no processo de formação. E nele que o futuro professor poderá observar, discutir, propor e vivenciar um conjunto de atividades e, fundamentalmente, desenvolver a autonomia como docente. O estágio funciona como um modo de diálogo entre a formação curricular, a prática profissional docente e o imaginário teatral contemporâneo no conjunto social.

Palavras-chave: Pedagogia do Teatro, Estágio Curricular, Visibilidade, Teatro Educação.

O aluno de Teatro licenciado encontra-se diante de uma série de dificuldades para o exercício da profissão. A começar pelo fato de que o teatro encontrar-se alocado, no currículo escolar vigente, na disciplina denominada Arte (em alguns casos, ainda, Educação Artística). Esta e outras questões, como o ambiente de trabalho, ausência material didático, precarização da profissão, legislação ineficiente etc., devem ser enfrentadas pelos futuros professores.

O ensino de Arte e as suas linguagens preconizado na legislação educacional (LDB nº 9.394/96) cria, por vezes, um ambiente propício à indiferenciação e a perda da identidade do licenciado em relação a sua área de formação. Seja pela valência intertextual, e transdisciplinar inerente ao ensino das artes em geral, ou seja, pela fragilidade e a disjunção vivenciadas pelo licenciado na formação e integração ao ambiente escolar. Estão em jogo, portanto, interagindo nesse processo o conjunto de imaginários: do aluno, da instituição formadora, da escola e do próprio teatro no conjunto da sociedade.

O resultado desse modo de inserção do ensino de teatro no currículo da Educação Básica é permeado de contradições. Muitas vezes *torna borrado* e sem contornos definidos os conteúdos, o conhecimento específico do ensino de teatro, e a função desse professor no contexto escolar.

As constantes mudanças da legislação nos últimos anos, por exemplo, a lei nº 11.769, já sancionada, promove a inserção do ensino de Música no currículo da Educação Básica. Do mesmo modo, o projeto de lei (PLS nº 337/2006), em tramitação (aprovado na comissão de Cultura e Esporte, em 2010) regulamenta a obrigatoriedade do ensino de Teatro. Propiciam um ambiente instável, interferindo nos processos de formação.

Mesmo diante dos pequenos avanços na legislação e da garantia do ensino (efetivo) de Teatro nas escolas, na maioria delas, a lógica polivalente ainda persiste impregnada no dia-a-dia do professor. Confunde-se e empobrece, com tal procedimento, o potencial transdisciplinar e interdisciplinar inerente ao ensino das artes. Imagina-se que o aluno deveria *saber um pouco de tudo* em relação à Arte, isto é (um *pouco* de): dança, teatro, artes visuais, música. O resultado é a produção sem reflexão, sem profundidade, em compartimentos.

Nesse contexto, o licenciado em Teatro, frequentemente, não resiste e permite a *redução* do ensino de teatro a ferramentas de apoio para as outras disciplinas do currículo; ou ocupa-se da diversão na escola, em práticas fundadas no ludismo. Distancia-se do desenvolvimento e aplicação do conhecimento específico do Teatro e suas metodologias no ensino. Significa, pois, que o profissional não consegue espaço para articular, desenvolver estratégias e ensinar Teatro, sua área de formação.

Essas dificuldades são resultado de um conjunto de motivações já apontadas, entre outras como o descompasso entre formação acadêmica proposta aos licenciados em Teatro e o mercado profissional (cf. SANTANA, 2000), enfatizando, nalguns casos, o bacharelado; portanto, pouco direcionados à formação específica do professor de Teatro. Como, também, interfere neste processo a questão da visibilidade do Teatro e a sua relação com a sociedade.

Certamente, como aponta Arão Paranaguá, muitos desses problemas já são velhos conhecidos, encontram-se como formas cristalizadas e naturalizadas – “dicotomia entre licenciatura e bacharelado; formação teórica versus prática” (2000:10) – entre outras. Todavia, é importante estarmos alertas para não correremos o risco de não enxergarmos com clareza, quais são de fato os problemas e os modos como enfrentá-los. Isto não significa que eles não existam! O desafio é não transformá-los num bordão. O que pode resultar, por vezes, num agente imobilizador, ou mesmo numa forma de controle à mudança e transformação.

Nas anotações dos alunos de estágio (2010) encontramos os problemas *naturalizados* do ambiente escolar, já apontados anteriormente, como: violência escolar; falta de espaços adequados; polivalência; falta de tempo etc. Num dos relatos temos:

Os alunos (dessa turma) são indisciplinados, barulhentos, bagunceiros. Além disso, eles já vêm de um registro de violência. Levando, então, a maioria a bater nos colegas, nas carteiras, gritar, etc. (aluna I)

Noutro relato o aluno é defrontado com a complexidade e o comportamento estratificado dos docentes,

A professora utiliza um controle constante. Existe certa "dureza" nas relações com os alunos. Como fazer para quebrar uma barreira criada com o tempo? Existe outra forma de trabalhar com os alunos? (aluno II)

Os dois breves relatos revelam aspectos (não totalizantes) de exemplaridade do ambiente escolar e suas dificuldades. Demonstram a fragilidade do docente iniciante diante das adversidades do ambiente escolar consolidado (cf. CABRAL, 2008, 40-41). A maioria dos relatos não trata de questões que envolvem o ensino de teatro propriamente dito. Os estudantes veem-se no estágio curricular inseridos no contexto da escola e suas dinâmicas e, surgem, então, outras questões: o que sabe ele acerca da juventude na escola? Da família? Da violência escolar? Da cognição.

A orientação durante o estágio tem sido, antes de propor soluções, a de buscar coletivamente compartilhar as informações acerca das dificuldades enfrentadas pelos futuros professores na sala de aula, na tentativa de ultrapassar o modelo da *experiência vivida*. A partir de então fomentar espaços dinâmicos de discussão e reflexão da experiência acumulada, não com o intuito de repeti-las ou consolidá-las como uma possível solução, mas de compreensão da sala de aula como um espaço-vivo, dinâmico. Buscando romper com a lógica do "isso funciona, isso não funciona", "da minha sala", "eu faço eu resolvo", ou "do saber fazer consolidado".

O professor de Teatro contemporâneo tem expressado o desejo de ser: professor-artista; artista-professor, docente-artista, artista-docente, entre outras denominações. No discurso enunciativo desse sujeito encontramos o professor e a prática pedagógica em diálogo com a experiência individual artística de cada aluno (mesmo considerando as diferenças pontuais entre cada uma delas).

Os conjuntos/conceitos das definições postulam que a vivência artística possa interferir e ou/contaminar a atividade docente na sala de aula. Revelam a intencionalidade de não separar as práticas: artísticas e pedagógicas. Independente de tais denominações importa-nos que o licenciado seja capaz de ensinar teatro no contexto curricular da educação básica. Esta é, para mim, a questão central. É bem por isso, se acentua a importância do estágio curricular na formação do licenciado em teatro.

Os processos e as práticas relacionadas à formação teatral na escola ou fora dela encontram-se ligados à constituição do *território* e *imaginário* do Teatro na sociedade. Nesse sentido, compreende-se a função social e artística do estágio curricular realizado na escola, como o espaço para a inserção não somente da prática do ensino de teatro, mas também do imaginário da atividade teatral na comunidade, portanto para além da sala de aula.

O estágio curricular é o espaço no qual os alunos (em formação) revelam as suas potencialidades e, também, as falhas no processo de formação. E nele que o futuro

professor poderá observar, discutir, propor e vivenciar um conjunto de atividades e, fundamentalmente, desenvolver a autonomia como docente. Em primeiro lugar, na sala de aula. Espaço organizado, delimitado e coletivo com dinâmicas próprias. É preciso compreendê-lo como o espaço vivo a ser *usado* e *vivenciado*, e não um depósito de alunos e professores.

Em segundo lugar, saber utilizar os espaços fora da sala de aula, elaborar projetos tais como: cursos ou oficinas regulares, ações de intervenção intencionalmente organizadas e sistematizadas, com assuntos e temas flexíveis e variados. É necessário integrar as atividades que ocorrem no interior e no exterior da sala de aula, para não correr o risco de a ação externa transformar-se num projeto pontual, à parte da sala de aula, sem vínculo com a formação contínua do estudante.

O estágio funciona, então, como um modo de vivenciar a formação da prática profissional. Isto é, espaço de diálogo entre o imaginário teatral esboçado na formação curricular da licenciatura e as práticas teatrais contemporâneas vivenciadas por eles. Para Cabral "o ensino de teatro, na escola e na comunidade, reflete as formas teatrais contemporâneas ao mesmo tempo em que responde aos avanços das teorias da educação (2008:35)". Será responsável também por estimular ou não a *visibilidade* da função Teatro no conjunto social.

A experiência no acompanhamento das atividades dos licenciandos no estágio curricular é um espaço privilegiado da observação do futuro professor. É nele que podemos observar os acertos e o descompasso entre o imaginário do aluno, a proposta curricular, o ambiente escolar e da visibilidade do Teatro na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Biange. *O professor-artista: perspectivas teóricas e deslocamentos históricos*. Revista Urdimento, 2008, nº 10, p 35-44.

SANTANA, Arão Paranagua de. *Teatro e formação de professores*. São Luis: EDUFMA, 2000.